

Reflexões sobre o erotismo e sua relação com sofrimento psíquico na modernidade

Ana Carolina Borges de Lacerda¹

RESUMO

Este trabalho se propõe a apresentação das discussões sobre erotismo e sofrimento psíquico, cujo início se deu no Projeto de Ensino da Universidade Estadual de Goiás – Núcleo de Estudos sobre Subjetividade e Sofrimento Psíquico: Sofrência. A relevância do erotismo se apresenta em Bataille como a definição da experiência humana. Essa experiência tem marcas das interdições para o estabelecimento do laço social, porém ela apresenta furos a partir das transgressões. No ato da transgressão, é possível vislumbrar a angústia, a náusea, o horror frente ao desejo e o medo relacionados ao prazer intenso. O sofrimento psíquico se instaura nos interditos (morte e função sexual), na angústia persistente e nas tentativas de refrear o desejo por via do trabalho e dos processos de socialização. Esse ensaio teórico tem orientação nos textos *O erotismo* (Bataille, 2023) e *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico* (Dunker; Safatle; Silva Junior, 2021). O objetivo geral é compreender a relação do erotismo com o sofrimento psíquico. Já os objetivos específicos são: conceituar o erótico como um aspecto da experiência humana e relacionar o erotismo com o sofrimento psíquico. O método de pesquisa é pesquisa teórica ou conceitual e estrutura um ensaio teórico. Os resultados se apresentam em uma reflexão sobre o erotismo para a práxis psicológica, seja nos processos clínicos ou psicossociais.

PALAVRAS-CHAVE

Erotismo; Subjetividade; Sofrimento psíquico.

¹ Mestre em psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Lattes: [3352505616854456](https://lattes.cnpq.br/3352505616854456). E-mail: carolborgeslacerda@gmail.com. ORCID: [0000-0003-1014-8204](https://orcid.org/0000-0003-1014-8204).

Reflections on eroticism and its relation with psychological suffering in modernity

ABSTRACT

This work proposes to present discussions about eroticism and psychological suffering, which began in the Teaching Project of the State University of Goiás – Center for Studies on Subjectivity and Psychological Suffering: Suffering. The relevance of eroticism is presented in Bataille as the definition of human experience. This experience bears the marks of interdictions for the establishment of social ties, but it presents holes due to transgressions. In the act of transgression, it is possible to glimpse the anguish, nausea, horror of desire and fear related to intense pleasure. Psychic suffering is established by prohibitions (death and sexual function), by persistent anguish and by attempts to curb desire through work and socialization processes. This theoretical essay is guided by the texts [*The eroticism*] (Bataille, 2023) and [*Pathologies of the social: archaeologies of psychic suffering*] (Dunker; Safatle; Silva Junior, 2021). The general objective is to understand the relation between eroticism and psychological suffering. The specific objectives are: conceptualizing eroticism as an aspect of human experience and relating eroticism to psychological suffering. The research method is theoretical or conceptual research and structures a theoretical essay. The results are presented in a reflection on eroticism for psychological praxis, whether in clinical or psychosocial processes.

KEYWORDS

Eroticism; Subjectivity; Psychic suffering.

Recebido: 20/05/2025

Aceito: 28/08/2025

Publicado: 05/09/2025

Doi: <https://doi.org/10.59780/zhdX5433>

Introdução

Este ensaio teórico é fruto de discussões do Projeto de Ensino da Universidade Estadual de Goiás – Núcleo de Estudos sobre Subjetividade e Sofrimento Psíquico: Sofrência. As constituições afetivas determinadas pelo modo de produção capitalista, ou seja, o sistema capitalista capturou a nossa objetividade e subjetividade no mais íntimo. Seguindo adiante nas discussões, compreendeu-se que os embates das relações envolviam as dimensões sociais, individuais, biológicas, espirituais, sexuais e eróticas. É necessário falar sobre o negativo, a latência ou supressão (*aufheben*)², em que se apresenta o erotismo.

Para isso, realiza-se o recorte em um estudo conceitual e teórico para investigar ao longo de obras sobre a relação entre erotismo e sofrimento psíquico. Esses conceitos em interação se tornam potência. Cibele Laurenti e Claudio Lopes (2016) apresentam a noção de pesquisa teórica, base da metodologia desse ensaio teórico. Os autores apontam a ausência de desenvolvimento na área de pesquisa conceitual, devido as considerações sobre a ciência e seu desenvolvimento. As Ciências Humanas necessitam de métodos mais condizentes para compreensão de seus objetos de estudo. Para isso, é necessária reformulação ou proposição de novos métodos, por exemplo, a pesquisa teórica ou conceitual.

Os níveis de análise da pesquisa conceitual são restritos, sistêmicos e conceituais. O nível restrito tem a centralidade em conceitos fundamentais da teoria, ou seja, esse nível elucida os conceitos e seus possíveis significados. O nível de análise sistêmico compreende a relação dos conceitos com outros elementos da mesma teoria ou de outras áreas de conhecimento, de forma que há um resgate epistemológico ou análise histórica do conceito.

As diretrizes metodológicas seguem os seguintes passos: seleção de textos; interpretação conceitual do texto e suas etapas; sistematização dos resultados. O primeiro momento da pesquisa se configura com a seleção dos textos, de forma que envolve uma retomada do texto na língua original para interpretação e aprofundamento do conceito. A seleção dependerá do nível de análise da pesquisa, por exemplo, o uso do conceito. O segundo passo é o procedimento de interpretação conceitual do texto (PICT). Esse procedimento subdivide-se em: levantamento dos principais conceitos do texto; caracterização das teses do texto; elaboração dos esquemas e síntese interpretativa. Para finalizar, a sistematização dos

² Bataille faz menção ao termo hegeliano *aufheben* e a tradução para esse termo no livro foi “suprimir”, com o sentido de “superar mantendo” (2023, p. 59).

resultados é uma organização final, de forma que responda à pergunta inicial e o cumprimento dos objetivos da pesquisa (Laurenti; Lopes, 2016, p. 45).

Esse ensaio propõe o estudo do conceito de erotismo, desenvolvido por Georges Bataille, e a relação com o sofrimento psíquico na modernidade. O objetivo geral é compreender a relação do erotismo com o sofrimento psíquico. Os objetivos específicos são: conceituar o erótico como um aspecto da experiência humana e relacionar o erotismo com o sofrimento psíquico. Os resultados se apresentam em uma reflexão sobre o erotismo para a práxis psicológica, seja clínica ou nos processos psicossociais. As obras selecionadas foram *O erotismo*, segunda edição (Bataille, 2023), e *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico* (Dunker; Safatle; Silva Junior, 2021). Essas duas obras têm um ponto de intersecção, no sentido de que elas se preocupam com o mal-estar da Modernidade desde aspectos corporais, individuais, sociais e culturais (destaque para moralidade). O erotismo se encontra na dimensão individual, principalmente corporal. Ele atinge também aspectos culturais, no que se refere à moralidade e aos modos de relações afetivas.

Primeira seção

O (não) lugar do erotismo na Modernidade

Para iniciar a discussão, é necessária a conceituação do erotismo. Bataille define: “[...] o erotismo em seu conjunto é infração à regra dos interditos: é uma atividade humana” (2023, p. 118). Isso consiste em: o erotismo diferencia os seres humanos dos animais, de forma que ele define a experiência humana desde a vida até a morte. O autor discorre acerca da reprodução e sua aproximação (e distanciamento) com o erotismo:

a consideração que introduzo se refere à vida da maneira mais íntima: refere-se à atividade sexual, encarada desta vez à luz da reprodução. Eu disse que a reprodução se opunha ao erotismo, mas se é verdade que o erotismo se define pela independência do prazer erótico e da reprodução como fim, o sentido fundamental da reprodução não constitui menos a chave do erotismo. A reprodução coloca em jogo seres descontínuos (2023, p. 36).

A descontinuidade no ser remete ao processo, de modo que ele não se apresenta como linear. Bataille disserta que: “entre um ser e outro, há um abismo, há uma descontinuidade” (2023, p. 36). Com isso, a descontinuidade é algo que apresenta a historicidade e a contradição, ao invés de uma lógica linear ou pragmática. De certa forma, o erotismo é desamparo e se defronta com a morte, pois se encontra no “entre” (alternância de continuidade e

descontinuidade). Bataille apresenta a visão de descontinuidade e sua relação com a morte da seguinte forma:

mas não posso evocar este abismo que nos separa sem ter logo o sentimento de uma mentira. Este abismo é profundo, e não vejo como suprimi-lo. Somente podemos, em comum, sentir a sua vertigem. Ele nos pode fascinar. Este abismo, num sentido, é a morte, e a morte é vertiginosa, fascinante. Tentarei agora mostrar que, para nós que somos seres descontínuos, a morte tem o sentido da continuidade do ser: a reprodução leva à descontinuidade dos seres, mas ela põe em jogo sua continuidade, isto é, ela está intimamente ligada à morte. É falando da reprodução dos seres e da morte que eu me esforçarei para mostrar a identidade da continuidade dos seres e da morte que são uma outra igualmente fascinante e essa fascinação domina o erotismo (2023, p. 37).

A dinamicidade se apresenta na aproximação do erotismo com a morte, pois se relaciona com o sentido de potência ou de um vir a ser. O autor expõe: “os seres descontínuos que os homens são se esforçam por perseverar na descontinuidade. Mas a morte, ao menos a contemplação da morte, devolve-os à experiência da continuidade” (2023, p. 107). Essa relação entre erotismo e morte ganha significado na religião. O autor descreve ritualísticas que expõe essa relação, como cerimônias de enterro, orgias rituais, sacrifícios e ritos agrários. Com isso, o erotismo encontra sua existência nesse meio ambíguo: enquanto a religião no Ocidente estrutura interditos e tabus, ela também consente transgressões via ritual. Bataille expõe a máxima: “não há interdito que não possa ser transgredido” (2023, p. 87). Isso é um questionamento na Modernidade.

Antoine Compagnon anuncia a Modernidade como uma tradição, tornando-a um paradoxo. Segundo o autor: “falar de tradição moderna seria, pois, um absurdo, porque essa tradição seria feita de rupturas” (1999, p. 10). A sentença do autor demonstra a contradição presente na Modernidade, pois há afirmação e negação nesse bojo. Compagnon aponta: “a aliança dos contrários revela o moderno como negação da tradição, isto é, necessariamente tradição da negação; ela denuncia sua aporia ou seu impasse lógico” (1999, p. 10). O erotismo precisou de formas mais específicas para atender as demandas da Modernidade, ao passo que ele não rompe com as tradições. Isso é possível através da experiência religiosa, por meio de suas ritualísticas.

Compagnon disserta que a tradição moderna é uma traição, por apontar a ambivalência desse cenário emergente. O autor apresenta cinco paradoxos para a Modernidade:

focalizarei aqui cinco paradoxos da modernidade: a superstição do novo, a religião do futuro, a mania teórica, o apelo à cultura de massa e a paixão da negação. A tradição moderna vai de um a outro impasse, trai a si mesma e trai a verdadeira modernidade, que se tornou o saldo dessa tradição moderna (1999, p. 12).

O autor se refere a Theodor Adorno para ressaltar o paradoxo da Modernidade, de forma que a história se apresenta como uma produção em massa. Esse argumento apresenta que qualquer elemento é reconhecido como um produto. Com isso, o novo não é necessariamente novo, de modo que a tradição se torna uma traição. A diferença entre tradição e traição é a negação.

Vladimir Safatle apresenta uma noção de sociedade consonante aos paradoxos da Modernidade. Segundo o autor: “uma sociedade pode ser analisada com um sistema de normas, valores e regras que estruturam formas de ação e julgamento em suas aspirações de validade” (2021, p. 7). O erotismo adequou suas demandas à Modernidade, principalmente nos furos no sistema de normas, valores e regras compostos na sociedade. Com isso, o erotismo está sujeito aos paradoxos da Modernidade, de modo que o sofrimento emerge na dinâmica erótica – interditos e transgressões.

O (não) lugar do erotismo na Modernidade localiza o paradoxo da vida e da morte, ou seja, na continuidade e na descontinuidade presentes na existência humana. Esse movimento é a marca do erotismo, em que ele se torna a diferença entre o ser humano e os animais. O erotismo é fundante do ser humano, em que ele se estrutura em uma dinâmica essencial entre interditos e transgressões. O (não) lugar escapa constantemente da percepção humana, mas a atenção do(a) observador(a) destina-se à ambivalência ou movimento. A Modernidade estruturou os modos de subjetivação e sistemas produtores e gestores de sofrimento (Dunker; Safatle; Silva Junior, 2021). Além disso, o mundo do trabalho refreia o erotismo, em que o trabalho estrutura a organização social. O próximo tópico apresenta uma discussão da relação erotismo e sofrimento psíquico na Modernidade.

Segunda seção

Laços da Modernidade entre os interditos e as transgressões

Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (2017) dissertam sobre a construção do amor na Modernidade, a partir da família e da liberdade, de forma que a sociedade determinará os modos de subjetivação. Observa-se a transformação social a partir do modo de produção capitalista, instaurado na Era das Revoluções. O ponto alto da Modernidade é justamente o estabelecimento de uma sociedade agitada, acelerada, racional e fundada na moral. Para corresponder ao novo formato social, precisava-se de relações condizentes, ou seja, a família e a noção de liberdade. Os autores apontam que:

esse é apenas um ponto. Porém, ele já aponta claramente que, nesse jogo de faroeste do amor entre os sexos, também está vindo à tona uma contradição até então encoberta, desconhecida, nada erótica ou sexual: a saber, a contradição entre as exigências do mercado de trabalho e as exigências dos relacionamentos – onde e como quer que sejam (família, casamento, maternidade, paternidade, amizade). A imagem ideal da condução da vida conforme o mercado de trabalho é a do indivíduo totalmente móvel, que, sem levar em consideração os vínculos e pressupostos sociais da sua existência e identidade, faz de si mesmo uma força de trabalho fungível, flexível, com consciência de competição e rendimento, que se molda, voa e se muda de uma parte para outra como quiserem a demanda e demandantes do mercado de trabalho (Beck; Beck-Gernsheim, 2017, p. 19).

Bataille aponta que o trabalho é a base da humanidade, porém ele não é capaz de suprimir totalmente a violência. O trabalho é um elemento coletivo, em que organiza a sociedade. Ele se relaciona com a razão, pois o trabalho requer um ordenamento das condutas e disponibilidade dos corpos para uma determinada ação. Por meio do trabalho, o interdito se instaura, principalmente para refrear a violência. Sendo assim, o erotismo está latente, no intervalo do mundo do trabalho para se manifestar. Assim como o erotismo, a captura dos modos de subjetivação se deu por meio das condições objetivas e materiais, oriundas do capitalismo. Frente às novas demandas do capital, a “barganha” se encontra em tornar o desejo, amor e até mesmo a morte instrumentos controláveis, desvinculando-se do erotismo. Como suprasumir algo que nos constitui?

A experiência humana tem marcas das interdições para o estabelecimento do laço social, porém ela apresenta furos manifestados em transgressões. Bataille apresenta dois interditos iniciais. Eles são a morte e a função sexual. No que tange à morte, o primeiro tópico desse ensaio aproxima o erotismo com a morte através da continuidade. O autor destaca a repulsa e o horror ao cadáver para afastar da consciência a lembrança da continuidade, mas também da violência. O cadáver é uma lembrança do destino da existência humana, ou seja, a negação. O autor disserta: “o interdito que se apossa dos outros à vista de um cadáver é o recuo em que rejeitam a violência, em que se separam da violência” (2023, p. 68). A humanidade recua com a violência para o estabelecimento do laço social.

O interdito é necessário para refrear a violência latente do ser humano, em que ele organiza o mundo do trabalho. Caso contrário, a vida em sociedade não seria possível, pois: “no domínio de nossa vida, o excesso se manifesta na medida em que a violência prevalece sobre a razão” (2023, p. 64). O erótico é um fragmento “perdido” da humanidade para sobreviver ao modo de produção capitalista. A Modernidade destaca a razão, negando alguns elementos, como o corpo, o erotismo, a sexualidade e até mesmo o sexo. O que foge à razão, ocupa o (não) lugar e precisa de transgressão para sua emergência.

O interdito precisa da transgressão e vice-versa. Esses dois são inconciliáveis, pois eles estão em uma dinâmica inebriante: retenção da violência (estabelecimento de limites) e possibilidade de exceder (ultrapassar os limites). Igor de Almeida Silva discorre sobre como essa relação dos inconciliáveis determina a diferenciação dos seres humanos com os animais.

Conscientizamo-nos da interdição no momento em que a transgredimos. Todavia, a transgressão não suprime a interdição: ambas se justificam e se nutrem mutuamente. Ela satisfaz um desejo de violação, inerente ao próprio ato de proibir (a violência que causa o temor e o horror também é objeto de fascinação), sem, no entanto, desencadear uma ruptura completa, um retorno à sexualidade animal (2006, p. 65-6).

Silvia Lippi apresenta a seguinte definição de transgressão: “para Bataille, a transgressão é, em primeiro lugar, uma violência contra a ordem do mundo: a ordem do trabalho e a ordem sexual, que presumem uma conduta sexual bem organizada e submetida a regras precisas” (2009, p. 178). A transgressão não se limita à ordem sexual. Pelo contrário, ela ultrapassa os limites, ou seja, é um excedente. Lippi discorre que: “a transgressão representa, para Bataille, o imprevisto, a única possibilidade de sair do cálculo, do sério, do trabalho que aliena” (2009, p. 182). A transgressão é uma vertigem do erótico, inebriada aproximação com a morte.

No ato da transgressão, é possível vislumbrar a angústia, a náusea, o horror frente ao desejo e o medo relacionados ao prazer intenso.

[...] O pavor que nos afasta da liberação total de nossos impulsos (e o peso que isso acarreta) é transgredido na medida em que violamos nossas interdições. Essa violação não se dá de uma maneira total, ela submete-se a regras que possibilitam sua subversão sem necessariamente destruí-las (Silva, 2006, p. 75).

O rompimento dos interditos apresenta um (não) lugar, devido à ausência de limites da transgressão. Bataille desenvolve sua argumentação sobre erotismo, através dos interditos da religião (rituais de morte) e do mundo do trabalho. Em sua argumentação, o autor traz o horror ao corpo, principalmente ao cadáver. Tudo que remete a continuidade desperta na humanidade o horror, a náusea e o pavor como formas de reforço dos interditos. Silva fundamenta esse argumento: “o horror à morte, mas também ao desvario que seus impulsos o levaram, provocam o temor de si mesmo, sua autonegação e, conseqüentemente, sua interdição” (2009, p. 70-1). A morte é uma sentença da continuidade. Além disso, ela expressa a violência, que o mundo do trabalho suprime para manutenção do laço social. A dinâmica de interditos e transgressões gerencia sofrimento, em que o resto é a angústia.

A angústia é um elemento em destaque, pois no erotismo se encontra elementos do sofrimento psíquico. Bataille disserta que: “a angústia elementar ligada à desordem sexual é significativa da morte” (2023, p. 129). A partir da morte, a angústia se instaura. Isso se dá através da violência, que ela gera um abalo entre a continuidade e a descontinuidade. Como uma forma de evitar isso, o interdito funciona nessa via de regulação.

Isso nos aparece na angústia, no momento em que transgredimos o interdito, sobretudo no momento suspenso em que ele ainda atua, e em que, não obstante, cedemos à impulsão a que ele se opunha. Se observamos o interdito, se lhe somos submissos, deixamos de ter consciência dele. Mas experimentamos, no momento da transgressão, a angústia sem a qual o interdito não existiria: é a experiência do pecado. A experiência conduz à transgressão acabada, à transgressão bem-sucedida, que, conservando o interdito, conserva-o para dele gozar. A experiência interior do erotismo exige daquele que a faz uma sensibilidade não menor à angústia que funda o interdito do que ao desejo que leva a infringi-lo. É a sensibilidade religiosa que liga sempre estreitamente o desejo e o pavor, o prazer intenso e a angústia (Bataille, 2023, p. 62).

Neste tópico trabalharam-se as concepções de interdito e transgressão, como elementos essenciais para o erotismo. Além disso, a violência foi um ponto chave para as discussões, pois ela desenvolve a dinâmica entre vida e morte ou continuidade e descontinuidade no erotismo. Segundo Silva, “o erotismo é o próprio “desequilíbrio”. Surge na medida em que o ser se transgride, conscientizando-se de suas interdições. Essa consciência deflagra o “desequilíbrio” e ameaça o Eu” (2006, p. 79). O interdito é fundamental para refreamento do desejo, delimitação da vida e controle da violência, alinhado ao mundo do trabalho e à religião. A transgressão precisa do interdito para seu estabelecimento, pois é um rompimento com os limites estabelecidos. Nessa dinâmica de interdito e transgressão, o horror, a náusea, o pavor e a angústia se manifestam, pois a morte produz isso no ser humano: uma provocação com o abismo. No próximo tópico, a exposição será sobre a relação do erotismo e do sofrimento psíquico.

Terceira seção

Erotismo e sofrimento psíquico

O sofrimento psíquico se instaura nos interditos (morte e função sexual), na angústia persistente e nas tentativas de refrear o desejo por via do trabalho e dos processos de socialização. Christian Dunker (2004) disserta sobre a nomeação do sofrimento, de forma que ele se torna um conjunto de sinais e sintomas. Isso anula a experiência particular do ser humano.

De modo que a nomeação das formas de sofrimento psíquico, segundo um vocabulário estável e normativo, apoia-se na exclusão da singularidade e no evento, que caracteriza a estrutura dramática no qual o sofrimento psíquico pode ser apreendido. Nisso, tal estratégia de nomeação se reproduz na razão direta de sua assimilação ao discurso capitalista, do qual faz parte e extensão. A mercantilização do sofrimento psíquico apoia-se, portanto, em uma confiança na tipificação (Dunker, 2004, p. 97).

Ruy Laurenti (1991) expõe o uso da primeira Classificação Internacional de Doenças (CID) em 1893, com a finalidade de analisar os dados de mortalidade e estabelecer critérios para as doenças. O estabelecimento dessa classificação tornou viável a padronização das doenças e a nomeação do sofrimento. Com isso, a classificação estabeleceu nosografia, nosologia, nomenclatura e classificação. No tocante à nosografia, ela consiste em identificação da doença, desde patogênese às alterações patológicas. À nosologia corresponde um conjunto de doenças, em que tem a classificação em grupos dentro de critérios estabelecidos. A nomenclatura e classificação se relacionam com a nosologia e a nosografia.

O intuito de uma classificação é a padronização e a classificação das doenças. Historicamente, as análises centravam-se no indício de mortalidade como uma forma de prevenção. A partir da organização, foi possível uma melhor compreensão da doença, desde a origem às alterações patológicas dela. Isso se faz necessário, com o advento dos processos de industrialização e urbanização. Segundo Laurenti, vários estudiosos construíram classificações ao longo dos anos, com base nas causas das mortes. A busca por uma classificação tem a finalidade de:

ao se obter uma uniformização terminológica, isto é, quando se passou a ter nomenclatura de doenças, passou-se a ter uma linguagem comum o que permitiu uma melhor troca de informação sobre o conhecimento de uma doença específica quanto a sua história natural, maneiras de diagnosticar e tratar, bem como, prevenir. Muito importante foi a possibilidade de serem feitas comparações e verificar diferenças nas frequências das doenças em áreas distintas, surgindo então as análises epidemiológicas dos diferentes agravos à saúde, o que trouxe grande contribuição à prevenção (Laurenti, 1991, p. 408).

O diferencial para o estabelecimento da classificação foi o médico William Farr. Ele analisou as classificações adotadas em países e implementou estudos estatísticos para melhor compreensão das doenças, não necessariamente com a centralidade da mortalidade. Segundo Laurenti, Farr estabeleceu cinco classes na sua classificação das doenças. Elas são: “Classe 1 – Doenças epidêmicas, endêmicas e contagiosas. Classe 2 – Doenças constitucionais. Classe 3 – Doenças localizadas. Classe 4 – Doenças do desenvolvimento. Classe 5 – Doenças ou mortes violentas” (1991, p. 411). Ao longo dos anos e estudos, a classificação passou por algumas alterações e está na décima primeira versão.

Maria Côrtes e Carla Silva apresentam a construção do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) no século XIX, a partir dos dados de doenças mentais do censo americano. Segundo as autoras, as primeiras categorias foram insanidade e idiotia, a critério do funcionário do censo. Com as transformações sociais, como a Segunda Guerra Mundial, a percepção sobre doença mental teve alterações. Com isso, as categorias de doenças mentais aumentaram. Assim como o CID, o DSM tem a finalidade de classificação e padronização das doenças mentais, além de auxiliar no diagnóstico. O DSM está na edição DSM-5-TR, publicada em 2022. Para Côrtes e Silva: “o DSM é a obra mais influente na área de psiquiatria contemporânea por produzir as recomendações de classificação dos transtornos mentais (Wang, 2011)” (2024, p. 89).

Tanto CID quanto DSM são os pilares da classificação e padronização das doenças mentais na atualidade. Eles são os responsáveis pela nomeação e identificação do sofrimento. Nelson Silva Junior promove uma reflexão psicanalítica sobre mal-estar, que extrapola as concepções médicas, centrais no CID e no DSM. Nesse ponto de vista, o mal-estar se relaciona com as patologias sociais.

Em outras palavras, a relação dos sujeitos com a verdade pode potencializar ou atenuar o sofrimento proveniente da estrutura de impasse entre a natureza e a cultura. Eis onde se localiza, para Freud, o papel propriamente político das teses psicanalíticas. Com efeito, desde 1908, em *A moral sexual civilizada e a neurose moderna*, Freud convida a sociedade burguesa a uma autorreflexão a respeito de suas normas e seus valores, sugerindo explicitamente a franqueza e a verdade a respeito de suas normas e seus valores, sugerindo melhores remédios para a hipocrisia moral da época e suas consequências de caráter epidêmico, a saber, a histeria nas mulheres e a impotência sexual nos homens (Silva Junior, 2021, p. 51).

Nessa reflexão, o autor aponta sobre a importância da cultura e da sociedade, de modo que isso gerenciará o sofrimento dos indivíduos. O autor destaca o papel das normas e valores estabelecidos na sociedade burguesa. Em Bataille, vê-se também o papel das normas e valores como estruturas para os interditos e transgressões.

O sofrimento é corporificado, quando a Ciência ou a sociedade estabelece nomenclaturas para determinadas expressões e as tornam critérios diagnósticos para o sofrimento. O corpo torna acessível o sofrimento, de modo que é possível prevenção, diagnóstico e promoção de saúde. Aline Carrenho *et al.* desenvolvem um estudo sobre o corpo como lugar de sofrimento social. Os autores apontam que: “as práticas e usos atuais do corpo são testemunhas de uma inegável utilização das formas de poder, as quais definem novas modalidades de sofrimento social” (Carrenho *et al.*, 2021, p. 81). Esse argumento apresenta o corpo como um espaço de tensões e disputas tanto individuais quanto sociais.

Através do discurso de patologização, o erotismo de Bataille é interditado pelas patologias e fica quase inacessível para a análise. A transgressão se tornou um critério diagnóstico, principalmente no que tange à angústia. A título de exemplificação, a angústia é uma especificação presente nos transtornos: afetivo bipolar e depressivo maior. No eixo das disfunções sexuais, em destaque Interesse sexual feminino/transtorno de excitação (F52.22). Nessa disfunção, elenca alguns critérios diagnósticos, em específico para aspectos eróticos vinculados às atividades sexuais. O erotismo se destaca nas parafilias como critérios diagnósticos (American Psychiatric Association, 2022).

Na Modernidade e seus paradoxos, os abismos se restringem às nomenclaturas das classificações e manuais. Carrenho *et al.* discorrem:

nesse sentido, o sofrimento decorre do bloqueio às experiências produtivas de indeterminação, da incapacidade que nossas instituições sociais, fortemente normativas e reprodutoras das formas hegemônicas de vida, têm de reconhecer a potência interna de indeterminação do sujeito. [...] Para além da referência ao Eu, há que se reconhecer a a-normatividade, o indeterminado, como índices humanos (2021, p. 95).

À medida que se distancia do erotismo, o distanciamento é também da humanidade. A função do erotismo para o estudo na Psicologia serve desde a estruturação do ser às formas de manifestação do erotismo (morte, símbolo, violência) por meio dos interditos e das transgressões. Com isso, o sofrimento se torna algo a nível da Razão ou cérebro, em que se omite o paralelismo psicofísico presente em algumas teorias psicológicas. É necessário resgatar o estudo do erotismo para a compreensão dos fenômenos psíquicos.

Os fenômenos psíquicos não se limitam aos aspectos individuais, mas também sociais e históricos. A(O) psicóloga(o) se depara com esses fenômenos nos processos clínicos, bem como nos processos psicossociais. Quando na clínica, a(o) psicóloga(o) escuta demandas tão estruturantes da pessoa, a(o) profissional será capaz do rastreamento dos interditos e transgressões no discurso. O erotismo é evidente na clínica, porém é presente em processos psicossociais. Para conceituação do erotismo, a religião foi presente para a experiência humana, mas principalmente para a organização social (como ritos agrários e orgias rituais). Bataille apresenta a relação do erotismo com as guerras e assassinatos. O autor discorre: “o desejo de matar se situa em relação ao interdito do assassinato como o desejo de uma atividade sexual qualquer ao complexo de interditos que a limita. A atividade sexual só é interdita em casos determinados, mas o mesmo se dá com o assassinato” (2023, p. 95).

Neste tópico, a discussão centrou-se na relação erotismo e sofrimento, a partir da angústia. O pilar da argumentação foi acerca de a sociedade ser gestora das patologias sociais,

de modo que o erotismo perde o aspecto basilar do ser humano e se torna um critério diagnóstico de doenças mentais. Isso se dá através da nomeação do sofrimento, em que se adotam manuais e classificações para doenças. Assim sendo, o sofrimento inerente ao humano se modifica a nomenclaturas padronizadas. O sofrimento torna-se um discurso, assim como o corpo. O corpo é a principal ferramenta para anunciar o sofrimento e palco da vivência erótica. É necessária uma reflexão sobre o erotismo na Psicologia e outras áreas de estudo, como um elemento fundante da experiência humana.

Conclusão

Esse ensaio teórico teve o objetivo geral: compreender a relação do erotismo com o sofrimento psíquico. Os objetivos específicos foram: conceituar o erótico como um aspecto da experiência humana e relacionar o erotismo com o sofrimento psíquico. Para o cumprimento dos objetivos, as discussões realizaram-se nos seguintes tópicos: o (não) lugar do erotismo na Modernidade; laços da Modernidade entre os interditos e as transgressões; erotismo e sofrimento psíquico. Os resultados se apresentam em uma reflexão sobre o erotismo para a práxis psicológica, seja nos processos clínicos ou psicossociais.

Conclui-se este ensaio teórico através da reflexão exposta pelo conceito de erotismo e sua relação com o sofrimento psíquico. Esse estudo envolve camadas mais profundas de análise, pois o erotismo define a experiência humana. Enquanto isso, o sofrimento é uma via humana para lidar com o erotismo. A clínica ou as instituições são espaços para os relatos de alguns sinais e sintomas que são organizados como transtornos, síndromes ou episódios. Os manuais e classificações de doenças servem à Ciência como ferramentas discursivas de padronização, estatística e nomenclaturas. A ressalva é não limitar a existência humana, ou seja, o erotismo aos critérios diagnósticos de doenças mentais.

No momento da escuta qualificada, a atuação centra-se na identificação das origens desses sinais e sintomas e compreensão do contexto, de forma que possibilite uma elaboração do sofrimento. Prefere-se nomear o sofrimento por via da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), ao invés de retomar algo tão basilar a nossa existência: o ser enquanto essência. Para isso, Bataille traz o erotismo como forma de retomar aquilo que insiste em se perder em discursos patologizantes. Este ensaio é o início das discussões entre erotismo e sofrimento psíquico.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5-TR*. Washington: American Psychiatric Association, 2022.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 1987.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSCHEIM, Elisabeth. *O caos totalmente normal do amor*. Trad. Fernanda Romero Fernandes Engel e Milton Camargo Mota. Petrópolis: Vozes, 2017.
- CARRENHO, Aline *et al.* O corpo como lugar de sofrimento social. In: DUNKER, Christian; SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson (org.). *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 81-108.
- COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Trad. Cleonice P. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- CÔRTEZ, Maria do Socorro Mendes; SILVA, Carla Cristie de França Silva. CID e DSM: breve percurso histórico das classificações dos transtornos mentais. *Psicologia revista*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 75-102, 2024. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2024v33i1p75-102>.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Formas de apresentação do sofrimento psíquico: alguns tipos clínicos no Brasil contemporâneo. *Mal-estar e subjetividade*, v. 4, n. 1, p. 94-111, 2004.
- LAURENTI, Cibele; LOPES, Cláudio E. Metodologia da pesquisa conceitual em Psicologia. In: ARAÚJO, Saulo F.; LAURENTI, Cibele; LOPES, Cláudio E. (ed.). *Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos*. São Paulo: Hogrefe CETEPP, 2016, p. 41-70.
- LAURENTI, Ruy. Análise da informação em saúde: 1893-1993, cem anos da Classificação Internacional de Doenças. *Saúde pública*, v. 25, n. 6, p. 407-17, 1991. <https://doi.org/10.1590/>.
- LIPPI, Silvia. Os percursos da transgressão (Bataille e Lacan). *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, v. 12, n. 2, p. 173-83, 2009. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982009000200001>.
- SAFATLE, Vladimir. Em direção a um novo modelo de crítica: as possibilidades de recuperação contemporânea do conceito de patologia social (Introdução). In: DUNKER, Christian; SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson (org.). *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 11-34.
- SILVA, Igor de Almeida. Corpo corpóreo: da interdição à transgressão. *Investigações – teoria da literatura*, v. 19, n. 1, p. 61-80, 2006.
- SILVA JUNIOR, Nelson. O mal-estar no sofrimento psíquico e a necessidade de sua revisão pela psicanálise. In: DUNKER, Christian; SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson (org.). *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 35-58.
- WANG, Yuan Pang. O futuro do diagnóstico psiquiátrico no século XXI: a proposta de revisão do DSM. *Com ciência*, Campinas, n. 126, 2011. Disponível em: <https://comciencia.scielo.br/>. Acesso em: 27 jan. 2025.